

**Narrativas da conquista inédita:
a construção midiática da primeira medalha paralímpica de inverno do Brasil**

*Narratives of the unprecedented achievement:
the media construction of Brazil's first winter paralympic medal*

Camilla Barbosa de SOUZA¹
Joana Belarmino de SOUSA²

Resumo

O Movimento Paralímpico do Brasil tem experimentado significativo desenvolvimento nos últimos anos, e, em 2026, alcançou sua primeira medalha nos Jogos Paralímpicos de Inverno, em Milano-Cortina, na Itália. Este estudo busca compreender como a mídia jornalística brasileira construiu o significado da conquista da condecoração de prata por Cristian Ribera, atleta paralímpico que compete na categoria *sitting* (sentado) do esqui *cross-country sprint*. De natureza qualitativa-descritiva, a pesquisa utilizou como procedimento metodológico a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016). A análise de oito matérias evidenciou que a cobertura do feito de Ribera foi permeada por aspectos como ineditismo, heroização, nacionalismo e regionalização, ao mesmo tempo em que recorreu ao discurso da superação e deixou de apresentar debates aprofundados sobre precariedades estruturais da modalidade.

Palavras-chave: Jogos Paralímpicos de Inverno. Cristian Ribera. Jornalismo Esportivo. Análise de Conteúdo.

Abstract

Brazil's Paralympic Movement has experienced significant development in recent years and in 2026 achieved its first medal at the Winter Paralympic Games, in Milano-Cortina, Italy. This study seeks to understand how the Brazilian journalistic media constructed the meaning of the silver medal won by Cristian Ribera, a paralympic athlete who competes in the sitting category of cross-country sprint skiing. Qualitative-descriptive in nature, the research employed the Content Analysis method proposed by Bardin (2016) as its methodological procedure. The analysis of eight news articles revealed that the coverage of Ribera's achievement was permeated by aspects such as unprecedentedness, heroization, nationalism, and regionalization, while at the same time resorting to the

¹ Mestranda em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da UFPB.
E-mail: acamillabarbosa@gmail.com.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do curso de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB.
Email: joanabelarmino00@gmail.com.

discourse of overcoming adversity and failing to present in-depth debates on the structural precariousness of the sport.

Keywords: Winter Paralympic Games. Cristian Ribera. Sports Journalism. Content Analysis.

Introdução

Conforme os dados do Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dos 198,3 milhões de brasileiros com dois anos ou mais de idade, cerca de 14,4 milhões são pessoas com deficiência (PcD), o que representa aproximadamente 7,3% da população do país nessa faixa etária. A história desse coletivo, envolve lutas e processos de resistência, com avanços graduais no que tange à garantia de direitos e à inclusão social.

Existem, hoje, inúmeros meios que impulsionam a vivência plena desse coletivo, sendo o esporte um deles. O esporte paralímpico, que é destinado à prática profissional de rendimento, permite que indivíduos outrora escanteados em diversos contextos sociais e históricos possam, agora, demonstrar seu potencial, além de reafirmar a total possibilidade de tais sujeitos conquistarem sua autonomia e qualidade de vida, direitos garantidos a todo cidadão (Sernaglia; Duarte; Déa, 2010).

No Brasil, a criação e ascensão do Movimento Paralímpico foi impulsionado tanto pelos resultados esportivos quanto pela ampliação de políticas públicas, investimentos institucionais e maior reconhecimento social. Nesse sentido, a história do paradesporto paralímpico ganhou um novo capítulo em 2026, ano em que o país conquistou sua primeira medalha nos Jogos Paralímpicos de Inverno, realizados em Jogos Paralímpicos de Inverno de Milano-Cortina 2026, com a prata obtida por Cristian Ribera no esqui *cross-country sprint*. Para além do aspecto inédito, o feito do atleta rondoniense traduziu-se em expectativa de expansão da história do paradesporto nacional.

Diante do que foi exposto, este trabalho tem como objetivo responder à pergunta-norteadora: “como a mídia jornalística brasileira construiu os sentidos em torno da primeira medalha paralímpica de inverno do Brasil, conquistada por Cristian Ribera em Milano-Cortina 2026?”. Para tanto, recorre-se à análise de conteúdo de matérias jornalísticas publicadas sobre o feito, buscando identificar os principais enquadramentos narrativos mobilizados na cobertura.

Paradesporto e suas interfaces

O esporte é intrínseco à sociedade e reflete os valores que ela e a cultura local defendem. Consoante a isso, durante boa parte da história da humanidade, ele foi marcado pela privilegiação dos corpos masculinos, brancos, heterossexuais e fisicamente capazes, principalmente aqueles inseridos nas classes média e alta (Depauw, 1997).

A ideia de que a deficiência é um “problema individual” (Depauw, 1997), a qual perdurou por muito tempo, resultou numa lenta inserção de sujeitos com corpos desviantes na sociedade, e na omissão do Estado e da própria sociedade em dirimir entraves físicos, arquiteturais, conceituais e todos aqueles que inviabilizam a plena participação das PcD em comunidade, bem como a conquista de direitos civis, inclusive no âmbito esportivo. Com o passar dos séculos, como resultado das transformações da consciência social e da criação de instituições e leis específicas visando à inclusão social, esta começou, finalmente, a se tornar realidade (Santos, 2008; Bonito, 2015).

Hodiernamente, o Brasil é um país que conta com diversos dispositivos legais que tratam sobre a regulamentação do paradesporto, como o próprio artigo 42 da Lei Brasileira de Inclusão – LBI, o qual garante à pessoa com deficiência o direito ao esporte em igualdade de oportunidades com os demais cidadãos (Brasil, 2015). Foi a partir de incentivos como este que passamos, enquanto nação, a ocuparmos pódios de competições, sediarmos eventos esportivos para esse público e, de forma geral, evoluirmos enquanto sociedade.

Conceitualmente, o paradesporto engloba as modalidades esportivas criadas ou adaptadas para serem praticadas por pessoas com deficiência, de acordo com suas especificidades (Winckler, 2022; Fraga; Silva, 2024). Segundo Winckler (2022), o paradesporto possui quatro interfaces: a) **Saúde**: quando a PcD busca o esporte como meio de reabilitação ou manutenção de sua saúde; b) **Educacional**: está inserida no contexto acadêmico, no sentido do ensino-aprendizagem; um exemplo muito comum dessa subdivisão é o paradesporto escolar; c) **Lazer**: diz respeito à prática esportiva para fins de entretenimento pessoal; d) **Rendimento (ou paralímpico³)**: tem por objetivo o desempenho atlético, a participação e a boa performance em competições de alto nível, sendo os Jogos Paralímpicos seu principal evento a nível mundial (Marques *et al.*, 2009).

³ Neste trabalho, utilizaremos esse termo para nos referirmos à prática esportiva e às modalidades presentes nos Jogos Paralímpicos.

A institucionalização do esporte paralímpico e o desenvolvimento brasileiro

A primeira edição do que hoje se conhece como Jogos Paralímpicos de Verão foi realizada em 1960, em Roma, e contou com cerca de 400 atletas de 23 países. No entanto, o Brasil só começou a participar da competição na edição de Heidelberg/1972, contando com uma delegação de 20 representantes homens e sem conquistas de medalhas. Com estrutura mais robusta e de forma mais organizada – graças à criação da Associação Nacional de Deporto para Deficientes (ANDE), em 1975 –, os brasileiros (31 homens e duas mulheres) participaram dos Jogos seguintes em Toronto/1976 e conquistaram seus primeiros pódios. Robson Sampaio Almeida e Luís Carlos Coutinho asseguraram juntos uma medalha de prata na bocha (Hilgemberg, 2019).

A partir disso, o esporte paralímpico nacional deslanchou, sobretudo a partir da criação do Comitê Olímpico Brasileiro (CPB), em 5 de fevereiro de 1995. Até hoje, a entidade é responsável por gerir o paradesporto no país, fomentando o desenvolvimento do esporte de alto rendimento voltado às PcD, em consonância com os parâmetros estabelecidos pelo Comitê Paralímpico Internacional (International Paralympic Committee, IPC).

Somente 16 anos depois da edição inaugural dos Jogos Paralímpicos de Verão, foram realizados, em 1976, os primeiros Jogos Paralímpicos de Inverno, em Örnköldsvik, na Suécia. O evento contou com duas modalidades (esqui alpino paralímpico e esqui *cross-country* paralímpico) e disputas entre 198 paratletas (sendo 161 homens e 37 mulheres) de 16 países (IPC, s.d.).

O Brasil só estreou nessa competição em 2014, em Sochi, na Rússia. Na ocasião, a delegação nacional contou com apenas dois atletas, André Cintra, no snowboard, e Fernando Aranha, no esqui *cross-country*.

Como evidência da evolução do esporte paralímpico brasileiro, nos últimos Jogos Paralímpicos de Inverno, realizados entre os dias 6 e 15 de março de 2026, em Milano/Cortina, Itália, a participação nacional foi histórica. A delegação verde-amarela – a maior já enviada a uma edição do evento – contou com oito integrantes, dentre eles aquele que conquistou a primeira medalha para o país neste evento: Cristian Ribera, prata na prova do *sprint* (um quilômetro) do esqui *cross-country* para competidores sentados. Também graças ao feito do rondoniense, a nação garantiu sua melhor participação em toda a história, com o 22º lugar geral (Chaves, 2026; CPB, 2026).

É válido ressaltar que existem alguns motivos que justificam a entrada tardia do Brasil nos Jogos de Inverno como ausência de infraestrutura adequada e condições climáticas de país tropical pouco favoráveis à prática das modalidades de neve, algo compartilhado por diversas outras nações do Hemisfério Sul (Bahdur, 2025). Apesar disso, a performance nacional em Milão-Cortina demonstra que os investimentos em toda a estrutura do esporte paralímpico local tendem a ser cada vez mais recompensados com crescimento do número de representantes e obtenção de outros resultados ainda melhores nas próximas edições.

Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa possui caráter qualitativo-descritivo e por técnica de pesquisa adotou-se a Análise de Conteúdo (AC), que, conforme a definição cunhada por Laurence Bardin, é

um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. (Bardin, 2016, p. 48)

O corpus de análise é composto por oito matérias jornalísticas que abordam a conquista da primeira medalha brasileira em uma edição dos Jogos Paralímpicos de Inverno, obtida por Cristian Ribera. Tais conteúdos foram veiculados em portais digitais no dia 10 de março de 2026 (data em que ocorreu o feito) e estão sistematizadas abaixo.

Quadro 1 – Corpus da pesquisa

Título	Veículo	Visualização
Cristian Ribera celebra medalha inédita para o Brasil em Jogos Paralímpicos de Inverno: "Sonho"	ge Globo	Nota ⁴
Ribera conquista medalha inédita para o Brasil nas Paralimpiadas de Inverno	CNN Brasil	Nota ⁵

⁴ Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpiadas-de-inverno/noticia/2026/03/10/cristian-ribera-cai-no-choro-e-celebra-medalha-inedita-para-o-brasil-e-um-sonho-realizado.ghtml>

⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/paralimpiadas/ribera-conquista-medalha-inedita-para-o-brasil-nas-paralimpiadas-de-inverno/>

A história de Cristian Ribera, primeiro medalhista do Brasil nos Jogos Paralímpicos de Inverno	Olympics.com	Nota ⁶
Cristian Ribera conquista primeira medalha do Brasil em Jogos Paralímpicos de Inverno	Veja	Nota ⁷
Cristian Ribera faz história e conquista a 1ª medalha do Brasil nos Jogos Paralímpicos	Carta Capital	Nota ⁸
Cristian Ribera fatura pódio inédito para o Brasil na Paralimpíada	Agência Brasil	Nota ⁹
Do asfalto à neve: a história de Cristian Ribera até o pódio inédito nas Paralimpíadas de Inverno	Lance!	Nota ¹⁰
Brasil faz história nos Jogos Paralímpicos de Inverno: Cristian Ribera garante pódio inédito	CBN	Nota ¹¹

Fonte: Elaboração própria (2026)

Em relação aos critérios de seleção utilizados para delimitar o corpus, optou-se por incluir matérias que abordassem diretamente a conquista da medalha e que tivessem sido publicadas em portais jornalísticos com alcance nacional. Dentre os conteúdos encontrados, foram excluídos textos opinativos, duplicados ou que não apresentassem menção essencial ao feito, buscando garantir homogeneidade ao material analisado.

Como orienta Bardin (2016), o processo de organização e tratamento dos dados estrutura-se em três etapas fundamentais: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na fase de pré-análise deste estudo, foi realizada uma leitura flutuante dos textos jornalísticos escolhidos, buscando estabelecer um primeiro contato e identificar elementos comuns a eles.

Já a etapa de exploração do material iniciou-se com a codificação, que “envolve a criação de códigos ou etiquetas que representam conceitos importantes para a pesquisa”

⁶ Disponível em: <https://www.paralympic.org/milano-cortina-2026>

⁷ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/cristian-ribera-conquista-primeira-medalha-do-brasil-em-jogos-paralimpicos-de-inverno/>

⁸ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/esporte/cristian-ribera-faz-historia-e-conquista-a-1a-medalha-do-brasil-nos-jogos-paralimpicos/>

⁹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2026-03/cristian-ribera-fatura-podio-inedito-para-o-brasil-na-paralimpiada>

¹⁰ Disponível em: <https://www.lance.com.br/mais-esportes/do-asfalto-a-neve-a-historia-de-cristian-ribera-ate-o-podio-inedito-nas-paralimpiadas-de-inverno.html>

¹¹ <https://cbn.globo.com/esporte/noticia/2026/03/10/brasil-faz-historia-nos-jogos-paralimpicos-de-inverno-cristian-ribera-garante-podio-inedito.ghtml>

(Valle; Ferreira, 2025, p. 10). Assim, foram definidas as unidades de análise, adotando-se como unidade de registro temas e expressões recorrentes presentes nos textos, e como unidade de contexto o conjunto da matéria jornalística. Em seguida, foram construídas categorias analíticas que permitiram apreender os sentidos predominantes na representação midiática do acontecimento, articulando tanto referenciais teóricos quanto elementos notados no próprio corpus.

Por fim, procedeu-se à fase de tratamento dos resultados, na qual buscou-se interpretar os dados à luz do referencial teórico adotado, evidenciando os enquadramentos discursivos mobilizados pelas matérias e suas implicações para a compreensão da construção midiática da primeira medalha paralímpica de inverno do Brasil. Nesse sentido, a análise visou à identificação de padrões narrativos, recorrências temáticas e ausências significativas, entendidas como elementos integrantes do processo de produção de sentido no campo jornalístico.

Resultados e discussão

Visando à análise, foram relacionadas as seguintes categorias temáticas, que serão destrinchadas a seguir: a) Ineditismo; b) Heroicização e Nacionalismo; c) Regionalização; d) Exotização (país tropical no gelo) e precariedade estrutural; e) Superação; f) Personalização; e g) Projeções futuras.

Em relação ao primeiro tópico, a respeito do **ineditismo** da conquista, nota-se que todas as matérias analisadas o enfatizam, demonstrando que o enquadramento midiático foi norteado, principalmente, pelo caráter pioneiro e histórico do feito no âmbito do esporte paralímpico de inverno brasileiro. Expressões como “primeira medalha”, “resultado inédito”, “gravou para sempre o seu nome na história”, “acaba de entrar para a história do esporte brasileiro” e outras similares aparecem de maneira reiterada, sobretudo no lide dos textos, salientando que o primeiro episódio de ocupação de pódio por um brasileiro nesta competição é algo irrepetível, sendo assim, merece ser evidenciado.

Este aspecto comum a todas as matérias analisadas também pode ser justificado mediante a concepção de Nilson Lage de que o ineditismo é um valor-notícia. Segundo ele, “a raridade de um acontecimento é fator essencial para o interesse que desperta” (Lage, 2001, p.85). Desta forma, além de construir a narrativa de associação do atleta e

de seu desempenho à ideia de pioneirismo, o ineditismo aqui também opera como uma estratégia de valorização da notícia.

Nas matérias analisadas, o ineditismo está frequentemente articulado às concepções de heroicização e nacionalismo, sendo esta última responsável por apresentar o feito esportivo como sendo de toda a nação e não apenas do atleta. A recorrência de menções à “primeira medalha do Brasil” reforça essa ideia, contribuindo para a construção de um sentimento de pertencimento e orgulho nacional.

Tal estruturação pode ser compreendida à luz de Fiamoncini et al. (2017), que defendem que o nacionalismo é evidenciado por meio de diversas expressões culturais das nações, sendo ainda mais constante no campo esportivo, especialmente no período de realização de grandes eventos internacionais como os Jogos Paralímpicos. Os autores apontam que

nestes casos, em vista das suas grandes proporções e visibilidade global, o nacionalismo costuma ser empregado pelos meios de comunicação de massa envolvidos na cobertura jornalística, constituindo-se num tipo de enquadramento comum, usado pelo discurso midiático-esportivo para mobilizar relações de identidade e de pertencimento em as suas audiências. (Fiamoncini *et al.*, 2017, p. 75)

Vale destacar que no *corpus* analisado observa-se uma ressignificação da figura do herói no campo esportivo paralímpico. Se em períodos anteriores o atleta com deficiência era frequentemente representado como herói simplesmente por “superar” limitações associadas à deficiência (perspectiva que tendia a reduzir sua identidade a sua condição corporal), em boa parte das matérias analisadas nesta pesquisa ele passou a ser valorizado sobretudo por atributos vinculados ao rendimento esportivo, como persistência, disciplina, preparo técnico e capacidade competitiva.

Os trechos apresentados a seguir ilustram isso: “essa é a primeira medalha do país em edições de Jogos Paralímpicos de Inverno. Até então, o melhor desempenho brasileiro havia sido justamente de Ribera, que terminou em sexto lugar na edição de PyeongChang 2018”, traz Reis (2026, n.p). “Ele transformou a frustração de quatro anos atrás em aprendizado e determinação. Aperfeiçoou seus treinamentos tanto na parte física quanto na técnica e se tornou em uma das estrelas do esqui cross-country Paralímpico”, destaca Longo (2026, n.p).

Ademais, a condição de representante nacional reforça essa nova configuração simbólica, na medida em que o desempenho individual é convertido em conquista coletiva. Tal deslocamento sugere uma redefinição do heroísmo no paradesporto, menos centrada na excepcionalização da deficiência e mais vinculada à excelência esportiva, o que pode contribuir para a legitimação e a profissionalização do esporte paralímpico.

Quanto ao terceiro item, a **regionalização**, nota-se uma recorrente menção à naturalidade do atleta, identificado em diferentes matérias como “natural de Cerejeiras, em Rondônia”, “jovem de Rondônia” ou “rondoniense, radicado em Jundiaí (SP)”, o que ressalta, também, uma espécie de excepcionalidade, tendo em vista que o local de nascimento de Ribera é distante (física e simbolicamente) dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, em que está situada uma parte significativa das iniciativas dedicadas ao esporte de alto rendimento .

Apesar de não ser o caso propriamente dito de Ribera¹², tais trechos dos textos jornalísticos destacam, ainda que indiretamente, o fenômeno da migração esportiva, algo muito comum no país. Conforme Lins *et al.* (2026), há uma notável dissociação entre o local de nascimento e o local de representação esportiva dos esportistas nortistas e nordestinos. O estudo aponta que tal fenômeno decorre da estrutura deficitária de investimentos públicos e privados em tais contextos, aliada ao desconhecimento da Lei de Incentivo ao Esporte, a qual é entendida como um potencial recurso para a transformação social e esportiva.

A migração, portanto, não é apenas uma busca por melhores condições de treino, mas a materialização de uma assimetria estrutural de poder que configura o próprio campo esportivo nacional, onde os atletas das regiões Norte e Nordeste, para permanecerem no jogo de alto rendimento, são forçados a se deslocar para os centros onde o poder e os recursos materiais, políticos e econômicos estão concentrados. (Lins *et al.*, 2026, p.3)

Sendo assim, quanto maior a visibilidade midiática de atletas oriundos dessas localidades, maior tende a ser a possibilidade de descentralização dos centros esportivos paralímpicos, bem como de ampliação de perspectivas favoráveis ao desenvolvimento da modalidade em regiões historicamente marginalizadas, contribuindo para a equiparação de oportunidades em todo o território nacional.

¹² O atleta rondoniense mudou-se com sua família para Jundiaí (São Paulo) ainda aos três meses de idade, em busca de melhores condições de tratamento da artrogripose.

No que tange ao processo de **exotização**, ou seja, ter um atleta de país tropical, sem tradição de neve, em destaque, a cobertura midiática vale-se de uma dupla operação discursiva: ao mesmo tempo em que valoriza o êxito de um brasileiro no esqui cross-country, modalidade historicamente associada à neve, pouco ou nem mesmo discute a **precariedade estrutural** como um problema público, antes, incorporam-na à narrativa meritocrática da superação individual.

O treinamento em vias públicas (e não em uma pista própria para isso), por exemplo, evidencia as condições materiais distintas daquelas observadas em países desenvolvidos e tradicionalmente inseridos nos esportes de inverno; no entanto, a narrativa construída pelos portais jornalísticos brasileiros quase que reforça a ideia de improvisação como mérito, sem debater sobre a ausência e a necessidade de políticas públicas e investimentos focalizados, como é notório no trecho abaixo:

Quando a Confederação Brasileira de Desportos na Neve (CBDN) chegou a Jundiaí à procura de atletas paralímpicos para o esqui cross-country, foi amor à primeira vista. [...] Na falta de neve, os irmãos treinam nas ruas de Jundiaí utilizando o *rollerski*, modalidade em que o equipamento é adaptado com rodinhas para a prática no asfalto. Grande incentivadora dos filhos, Solange sobe na bike para acompanhar o trio e garantir a segurança durante os treinamentos na via pública (Pinheiro, 2026, n.p).

Como já foi ressaltado anteriormente neste estudo, o início da trajetória do Brasil nos Jogos Paralímpicos de Inverno é recente e vem galgando, aos poucos, evolução. Ademais, cabe ressaltar que a medalha conquistada em 2026 é fruto de um planejamento a longo prazo da CBDN, iniciado em 2014. Em decorrência dessa estruturação, em 2015, foram criados os primeiros núcleos de iniciação para este esporte, situados nas cidades de São Paulo e Jundiaí. Posteriormente, em 2018, houve uma expansão que resultou no desenvolvimento de atividades em mais outras quatro cidades, todas no estado paulista: Campinas, São Carlos, Caraguatatuba e Santos. A entidade responsável pela modalidade ainda desenvolveu o Circuito Brasileiro de Rollerski, que é fundamental para manter os atletas em atividade e selecionar aqueles que representam o país em competições internacionais (Pereira; Ribela; Munster, 2020).

O olhar crítico em relação à necessidade de maiores investimentos e a explicação por parte da imprensa sobre o papel e as ações da CBDN são cruciais para que o país conquiste cada vez mais adeptos e maior expressão nesse cenário.

Em menor recorrência que os demais eixos, porém ainda presente, está o discurso

de **superação**. Na amostra analisada, a manifestação mais evidente desse enquadramento encontra-se na matéria do Lance!, que já no subtítulo enuncia que “o jovem de Rondônia superou 21 cirurgias na infância” (Pinheiro, 2026, n.p). No decorrer da matéria, expressões como “a trajetória de Cristian Ribera foi fora da curva desde o nascimento” e “saiu do improvável para a referência” reforçam a narrativa *supercrip*, a partir da qual os atletas paralímpicos são representados como seres extraordinários por “superarem” sua condição e realizarem feitos considerados improváveis. Conforme Novais e Figueiredo (2010, p. 80)

estes atletas tendem a ser retratados como “vítimas” ou, em alternativa, como pessoas “corajosas” que “superaram” o próprio “sofrimento” da deficiência para participar em um evento esportivo. [...] A mídia faz com que as pessoas tenham compaixão por esses paratletas, uma vez que, segundo a imprensa, eles são “símbolos de superação”.

Esta heroificação do esportista desloca o foco do rendimento esportivo para características subjetivos como resiliência e determinação. Mesmo que tal abordagem contribua para valorizar a trajetória pessoal do competidor, também tende a colocar em segundo plano aspectos técnicos e estruturais que também são cruciais para o alto rendimento paralímpico. Em postagem no seu perfil no Instagram, Lucas Santos, atleta brasileiro de Para Triatlo, rechaçou essa postura adotada pela mídia:

Vou falar uma coisa sobre os Jogos Paralímpicos de Inverno que talvez muita gente não goste de ouvir. De uma pessoa com deficiência e envolvida no movimento paralímpico há mais de 10 anos, sem arrogância, só um papo reto mesmo: jornalistas, criadores de conteúdo, parem de falar só sobre superação. Esse discurso de que “olha como eles são heróis” já está ultrapassado faz tempo. Atleta paralímpico não precisa de medalha de inspiração. Precisa de reconhecimento pelo desempenho. Aqui no Para Esqui Alpino, por exemplo, temos atleta com deficiência física, sem os dois braços, descendo uma vertical de 600 metros em condições extremas, sem o uso de bastão nenhum; temos atleta com deficiência visual passando dos 100 km/h sem enxergar, guiado só pela voz do outro atleta. Eu repito: 100 km/h, cego. Isso não é história de superação, isso é esporte de alto rendimento. Esses atletas treinam anos para competir no mais alto nível. Quando você fala só da história de vida, você acaba apagando o que realmente importa, que é a performance. Qualquer tipo de divulgação é super bem-vinda, mas se você quiser, realmente, ajudar a combater esse preconceito, começa simples. Primeiro, pare de tratar atletas paralímpicos como heróis. Segundo, comece a tratá-los como atletas de elite porque é exatamente isso que eles são (Santos, 2026, transcrição nossa).

Referente ao tópico da **personalização**, entendemos que este é um valor-notícia de construção que valoriza os aspectos humanos dos sujeitos envolvidos em um acontecimento, servindo como estratégia de atração do leitor pelo interesse que pessoas despertam em outras pessoas (Traquina, 2005). Neste estudo, ele é notado quando a mídia extrapola a dimensão competitiva/esportiva para apresentar Cristian Ribera em sua esfera pessoal e familiar (torcedor fanático do Palmeiras, o choro após a finalização da prova, o apoio dos pais e a relação com os irmãos, Eduarda, que também é atleta, e Fábio, treinador dele), capaz de gerar maior identificação afetiva junto ao público e ampliar a circulação da narrativa jornalística. Um exemplo disso é trazido no trecho a seguir.

A paixão de Cristian por esportes passa também pelo futebol. Como tantas coisas na vida, divide com os irmãos o time do coração, o Palmeiras. Durante a adolescência, ele publicava na internet vídeos de suas manobras no skate sob a alcunha de "Porco Loco". Cristian leva essa identidade até na pele: no braço direito, tem tatuada a imagem de um porco forte, deslizando na neve. Torcedor fanático, ele costuma frequentar o estádio para acompanhar as partidas do time. (Pinheiro, 2026, n.p)

Por fim, observa-se o eixo das **projeções futuras** quanto à carreira de Cristian, uma forma de entender o marco histórico conquistado por ele nos Jogos de Inverno como um ponto de partida para novas expectativas, inclusive no âmbito dos Jogos de Verão.

Além do esqui cross-country, Cristian Ribera também compete no atletismo paralímpico, nas provas de velocidade para a classe T54 (cadeirantes). Nos Jogos Parapan-Americanos de Santiago 2023, ele foi medalhista de prata nos 100m, 400m e 1500m, e de bronze nos 800m. Apaixonado pelo atletismo desde a infância, Cristian sonha com o pódio nos Jogos Paralímpicos de Verão. (Pinheiro, 2026, n.p)

Em outra matéria, após a conquista da prata na competição na Itália e lembrando a obtenção do Globo de Cristal (troféu de campeão geral da temporada em circuitos internacionais de esportes de neve) em 2025, o atleta reforçou a continuidade de suas ambições ao afirmar: “Agora a meta é o ouro” (Agência Brasil, 2026, n.p.).

Considerações finais

As concepções a partir dos discursos de produtos jornalísticos impactam diretamente nas narrativas acerca de determinados assuntos (Schuster; Silveira, 2020).

Neste artigo, buscamos entender se e como o discurso empregados em matérias jornalísticas escolhidas podem fortalecer o paradesporto de alto rendimento no Brasil e derrubar muros do capacitismo que foram construídos e fortalecidos historicamente.

É válido salientar que a prática de comercialização do esporte paralímpico bem como a profissionalização deste ainda é embrionária (Marques *et al.*, 2009). No entanto, a divulgação midiática noticiosa – especialmente aquela relacionada aos Jogos Paralímpicos, principal evento esportivo para as PcD – é fundamental para o fomento à construção de ídolos, expansão de formas e iniciativas de patrocínio, bem como para a ampliação da visibilidade do paradesporto, possibilitando que ele se torne mais conhecido e consumido pelo grande público (Marques, 2016).

Mais do que um marco esportivo, a conquista da medalha por Cristian Ribeiro escancarou algumas fragilidades estruturais e simbólicas do paradesporto brasileiro, ao mesmo tempo em que expôs a evolução neste âmbito e na cobertura jornalística sobre ele. Todavia, é crucial lembrar que não é necessário apenas dar espaço ao esporte paralímpico, mas fazer isso de forma ética e condizente com a luta anticapacitista. Assim, quanto maior a divulgação, maior a expectativa de expansão, principalmente no âmbito das modalidades dos Jogos Paralímpicos de Inverno, que ainda têm dado os primeiros passos no Brasil.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Cristian Ribera fatura pódio inédito para o Brasil na Paralimpíada. **Agência Brasil**, Brasília, 10 mar. 2026. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2026-03/cristian-ribera-fatura-podio-inedito-para-o-brasil-na-paralimpiada>. Acesso em: 26 abr. 2026.

BAHDUR, Khatija; BAHDUR, Zarina; DELL'OCA, Duane; Growing snow volleyball in snow-restricted countries: A pilot study. **SPORT TK-EuroAmerican Journal of Sport Sciences**, Múrcia, Espanha. v. 14, n. 1, 2025. ISSN: 2340-8812. Disponível em: <https://revistas.um.es/sportk/issue/view/22711>. Acesso em: 26 mar. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BONITO, Marco Antonio. **Processos da comunicação digital deficiente e invisível: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil**. 2015. São Leopoldo, Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4834>>. Acesso em: 29 mar. 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Presidência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF: 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 24 jan. 2026.

CHAVES, Lincoln. **Brasil encerra Paralimpíada de Inverno histórica em Milão-Cortina.** Agência Brasil, Brasília, 15 mar. 2026. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2026-03/brasil-encerra-paralimpiada-de-inverno-historica-em-milao-cortina>. Acesso em: 25 mar. 2026.

DEPAUW, Karen. **The (in)visibility of disability:** Cultural contexts and “sporting bodies”. *Quest*, v. 49, p. 416-430, 1997.

FIAMONCINI, Luciana; SILVEIRA, Juliano; BRUGGEMANN, Angelo Luiz; MANFROI, Miráira Noal; GOMES, Kamila Silva; BIANCHI, Paula; MONTÍN, Joaquim Marín; SILVA, Carolina Fernandes da; PIRES, Giovani De Lorenzi. O Brasil que o Brasil diz ser: narrativas midiáticas em convergência na abertura dos Jogos Olímpicos Rio/2016. In: PEREIRA, Rogério Santos; FIAMONCINI, Luciana; PIRES, Giovani De Lorenzi (org.). **Jogos olímpicos e paraolímpicos Rio/2016: mídias em convergência (?)**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2018. p. 31-96.

FRAGA, Naiza Fernandes; SILVA, Ana Paula Salles da. O paradesporto como conteúdo da educação física escolar: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.30, 2024. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1413-653820240001&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 19 mar. 2026.

HILGEMBERG, Tatiane. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. **Recorde**, v. 12, n. 1, p. 1-19, 2019.

LAGE, Nelson. **Ideologia e técnica de notícia.** 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2001. Disponível em: Acesso em: 14 abr. 2026.

LINS, Pedro André da Silva; LIMA, George Almeida; JUCÁ, Luan Gonçalves. Local de nascimento e vínculo institucional de atletas da seleção brasileira de atletismo paralímpico: uma análise das assimetrias regionais. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 24, p. e36240, 2026. DOI: 10.36453/cefe.2026.36240. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/36240>. Acesso em: 16 abr. 2026.

LONGO, Gustavo. Cristian Ribera conquista primeira medalha paralímpica de inverno para o Brasil. **Olympics.com**, 10 mar. 2026. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/milano-cortina-2026/jogos-paralimpicos/noticias/cristian-ribera-primeira-medalha-paralimpica-inverno-brasil>. Acesso em: 16 abr. 2026.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; DUARTE, Edison; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, José Júlio Gavião de; MIRANDA, Tatiane Jacusiel. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 4, p. 365–377, 2009. DOI: 10.1590/S1807-55092009000400006. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16737>. Acesso em: 24 mar. 2026.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista USP**, 108, 87-96, 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i108p87-96>.

NOVAIS, Rui Alexandre; FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line de Brasil e de Portugal. **Logos** 33, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p. 78-89, 2010.

PEREIRA, Taylor Brian Lavinsky.; RIBELA, Leandro.; MUNSTER, Mey de Abreu Van. Desenvolvimento do Para Ski Cros Country no Brasil. **Revista Profissional Da Associação Brasileira De Atividade Motora Adaptada**, Presidente Prudente, v. 12, n. 1, p. 47-54, jan/dez., 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/adapta/article/view/7860/5668>. Acesso em: 20 abr. 2026.

PINHEIRO, Beatriz. **Do asfalto à neve: a história de Cristian Ribera até o pódio inédito nas Paralimpiadas de Inverno**. Lance!, 2026. Disponível em: <https://www.lance.com.br/mais-esportes/do-asfalto-a-neve-a-historia-de-cristian-ribera-ate-o-podio-inedito-nas-paralimpiadas-de-inverno.html>. Acesso em: 10 mai. 2026.

LONGO, Gustavo. Cristian Ribera conquista primeira medalha paralímpica de inverno para o Brasil. **Olympics.com**, 10 mar. 2026. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/milano-cortina-2026/jogos-paralimpicos/noticias/cristian-ribera-primeira-medalha-paralimpica-inverno-brasil>. Acesso em: 16 abr. 2026.

REIS, Ana Karolina. Ribera conquista medalha inédita para o Brasil nas Paralimpiadas de Inverno. **CNN Brasil**, 10 mar. 2026. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/paralimpiadas/ribera-conquista-medalha-inedita-para-o-brasil-nas-paralimpiadas-de-inverno/>. Acesso em: 16 abr. 2026.

SANTOS, Lucas. **Papo reto, namoral**. [S.I.], 11 de mar. 2026. Instagram: @praqueduas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DVv_0ugioS4/. Acesso em: 12 mai. 2026.

SANTOS, Wederson Rufino dos. Pessoas com Deficiência: nossa maior minoria. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 501-519, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/SDWpCmFGWGn69qtRhdqqGSy/?lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2026.

SCHUSTER, Patrícia Regina; SILVEIRA, Fernanda Nunes. A desconstrução da narrativa sobre mulher e futebol na mídia: o drible do blog dibradoras. **Movendo Ideias**, v. 25, n. 1, p. 17-27, 2020.

SERNAGLIA, Mirella Bagdadi. DUARTE, Edison. DÉA, Vanessa Helena Santana Dalla. Avaliação do autoconceito em cadeirantes praticantes de esporte adaptado. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 1-18, set./dez. 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Volume II, A Tribo Jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis. Ed. Insular. 2005.

VALLE, Paulo Roberto Dalla; FERREIRA, Jacques de Lima. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **Educação em Revista**, v. 41, 2025.

WINCKLER, Ciro. **Definindo o paradesporto**. Santos: ParadesportoBrasil + Acessível, 2022.